

Recuo na proposta aos credores

Bresser encontra Baker, abandona projeto que previa perdão de parte da dívida e anuncia uma novidade: "títulos de saída"

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O ministro Bresser Pereira reconheceu que "recuei um pouquinho, indiscutivelmente", ao abandonar seu projeto de transformar metade da dívida brasileira em títulos de longo prazo, depois de um encontro de mais de duas horas com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, na manhã de ontem.

Mas a primeira impressão de fontes dos grandes bancos credores do Brasil é a de que ocorreu uma verdadeira reviravolta. "Caiu a metade do plano que era controversa e inaceitável, e o que restou foi a outra, que previa o caminho convencional para a renegociação da dívida", reagiu um banqueiro em Nova York, diante de informações extra-oficiais recebidas por telefone. E não deve ter sido apenas por coincidência que Bill Rhodes, que preside o comitê dos Bancos credores, foi visto saindo da Secretaria do Tesouro, por uma porta lateral, pouco antes que chegasse a delegação brasileira.

Ao mesmo tempo em que admitiu um recuo, o ministro Bresser Pereira também anunciou que "nós demos um grande passo adiante" para a reintegração do Brasil no sistema financeiro internacional, antecipando uma "solução convencional, mas com imaginação", para a renegociação da dívida com os bancos credores, no próximo dia 24. A novidade, que ele chamou de criativa, é a abertura para a criação da *exit bonds*, ou títulos de saída, que permitirão a qualquer banco, grande ou pequeno, "sair da brincadeira, sem precisar dar mais dinheiro novo". Esta teria sido uma das concessões feitas pelo secretário Baker em troca das brasileiras. Uma outra foi a promessa de ajudar o Brasil a obter dinheiro novo. E mais uma, ainda, seria a concordância de que se obtenha, primeiro, um acordo com os bancos credores — e, depois, com o FMI.

Mas que não se pergunte mais ao ministro Bresser Pereira, porém, se o Brasil voltará ou não ao FMI. Ele está ameaçando "esganar" quem o fizer. Por coincidência, o FMI se reúne hoje para exa-

minar, exatamente, o desempenho da economia brasileira. E o secretário James Baker, numa nota oficial, revela que ele e o ministro Bresser Pereira "entenderam que qualquer reescalonamento do Clube de Paris vai requerer um acordo formal com o FMI".

O ministro Bresser Pereira subiu a escadaria ao lado da Casa Branca, às 9h15, com o embaixador Marcílio Marques Moreira e o presidente do Banco Central, Fernando Milliet. Outro grupo era formado pelos assessores Yoshiaki Nakano, Fernão Bracher e Rubem Barbosa. Se na última vez que tinha estado aqui, a impressão deixada era de "uma mudança da água para o vinho", em relação ao ex-ministro Dilson Funaro, agora a expectativa era de que o vinho poderia se transformar em vinagre.

Ao final da reunião, cercado por jornalistas, Bresser afirmou:

"Foi um excelente encontro e extremamente cordial", ele começou contando. "Estabelecemos uma série de princípios gerais a respeito da negociação da dívida brasileira. O secretário Baker se revelou disposto a nos ajudar junto aos bancos e junto às demais agências oficiais de crédito para que essa negociação seja bem sucedida. Basicamente, foi essa a idéia. Havia uma preocupação dele contra a securitização da dívida — ou seja: a transformação da dívida em títulos. Ele não gosta de idéia, mas aceita o chamado sistema de *exit bonds*."

O ministro Bresser assegurou que esses títulos de saída, os *exit bonds*, significam uma transformação da dívida em títulos, em maior escala do que a Argentina fez.

Justificando as concessões que tinha acabado de fazer, o ministro Bresser Pereira explicou que "(o secretário) Baker disse que para que os bancos fiquem mais tranquilos é preferível que se diga que adotamos uma solução basicamente convencional com alguma coisa de não convencional dentro dela".

O ministro não pôde adiantar números para os títulos de saída.

"Nós ainda vamos fazer essa proposta aos bancos, formalmente, na semana que antecede a reunião do FMI", no próximo dia 26. Segundo ele contou, a discussão ficou em números gerais, "o que significa que nós não vamos pedir desconto de 50%. Vamos pedir menos. Essa porcentagem não é muito importante porque é voluntária. Se os bancos não quiserem fazer, não fazem".

O ministro Bresser Pereira partiu ontem de Washington dizendo que "chega de passear", e volta para o Brasil para elaborar "um novo plano imaginativo, mas nada de revolução", como lhe disse o secretário James Baker. Antes de descer a escadaria do Tesouro, sob a chuva fina que ainda caía, em direção ao carro, ele negou que o Brasil fosse fazer algum pagamento simbólico como pedem os bancos credores.



AFP

Bresser: "agora solução convencional, com imaginação"

